

NOEMI JAFFE

# O que ela sussurra



*Para o João  
para a minha mãe*

*E quando é noite, sempre,  
uma tribo de palavras mutiladas  
busca asilo em minha garganta,  
para que não cantem eles,  
os funestos, os donos do silêncio.*

Alejandra Pizarnik

Engano a passagem do tempo e quando ele passa por perto nem se dá conta, porque se deixa embalar pela minha voz, não entende direito o que eu digo, se distrai, esquece que deve passar e para. O que é um sussurro para o tempo? O que é o tempo para um sussurro, que o desfaz e o tempo deixa de passar enquanto eu digo em voz baixa: “Como se eu pendesse de minhas próprias pestanas”. Quando sussurro, sou como os grilos, assoviando para que o medo não venha; não tão logo, que fique ainda longe, escorado por esse ruído mínimo. Falo devagar, enquanto passo a linha no caseador meio enguiçado: “Assim responde a criança:/ ‘Eu te darei a maçã’ — ou: ‘Não te darei a maçã’./ E seu rosto é a exata matriz da voz que estas palavras diz”.

Você era assim também: teu rosto era a matriz exata do que você dizia e mesmo antes de dizer, eu podia adivinhar o que você sentia pelas duas rugas entre os olhos ou pela ausência delas — raiva, melancolia, lembrança ou desejo.

Você escrevia em pensamento, não no papel e a caneta era só um arremate do poema já terminado e, de qualquer forma, não era você que passava para o papel, mas eu; e escrever, antes dos sussurros de agora, era como sussurrar. Escrever é um sussurro horizontal e, sem saber, eu já me acostumava, me preparando para um futuro nem tão imprevisto para quem prestasse mais atenção no que acontecia. Mas nós não queríamos saber, tínhamos uma esperança igual ao coice de um cavalo, você ainda mais do que eu, apesar desse nome estranho e um pouco estúpido que meus pais me deram, Nadejda, esperança. A deles,

que acabou não sendo a minha. O tempo não se distraiu de nós, e em seus cascos rijos a polícia veio, ainda que disfarçada de médicos e cuidadores e, outra vez, fiquei com tua jaqueta nas mãos, do mesmo jeito que quando você quis se matar, algum tempo antes, se jogando da janela do hospital. Tentei te segurar e você caiu, me deixando só com o casaco na mão.

Faço com o tempo o que fiz com o casaco: fico segurando. De vez em quando eu grito, sozinha, e nessas horas o tempo passa, mas era isso mesmo que eu queria, ou você acha que é fácil ficar segurando o fluxo das coisas? Quase sempre eu gostaria mesmo é de morrer também; não aguento mais dar aulas para quem não se interessa por nada, eu também sendo perseguida só por estar viva, por ter sido tua mulher, porque a educação, para esses primatas do governo, é só louvação daquele dos dedos grossos e curtos. Mudo de um lugar para outro, trabalho durante a noite, nunca sei muito bem onde vou dormir e, quando durmo, fico escutando as ferragens dos elevadores e, a cada solavanco, acho que você vai chegar ou partir ou que eles estão vindo me buscar para interrogatórios ou para que eu morra de uma vez. Às vezes acho até pior eles não chegarem, porque assim os barulhos da rua, as buzinas, os passos nas escadas, a porta do elevador, as conversas cifradas que não entendo, continuam me assustando.

Outro dia me chamaram no meio da noite para uma reunião na escola. Cheguei e estavam todos sentados num círculo, com uma cadeira vazia no centro. Me perguntaram por que eu me atrasava para as aulas, se estava desenvolvendo alguma atividade suspeita. Mal tive vontade de me defender, mas em meio ao silêncio que tinha prometido manter, lembrei de você dizendo que não, que a vida tinha um sentido sim, e que viver era bom, mesmo nas piores condições, porque haveria um ovo cozido e uma meia-calça por usar, a conversa com Viktor sobre um poema e a mala com os adesivos de viagem, com os manuscritos inacabados. Você gostava de viver por isso, porque a vida eram as coisas que ainda não tinham sido feitas. E, afinal, era isso mesmo que eu vinha fazendo e só trabalhava naquela escola para poder continuar sussurrando à noite, na fábrica ou em casa e até quando ficava nervosa

com algum aluno eu me acalmava murmurando: “Devo viver, mesmo morrendo em dobro” — e fingia que te ouvia falando, fazendo uma pausa e andando de um lado para outro, dizendo: não, não é assim, o acento precisa estar na outra sílaba, martelando o vidro da janela com os dedos ou batendo na cama com os punhos fechados, para depois retomar os passos, até gritar: é isso mesmo. Por isso me defendi, disse que cumpria minhas obrigações, que meus atrasos eram poucos e com boas justificativas, que eu precisava do trabalho para sobreviver e pagar as contas e que por isso não fazia sentido transgredir normas, que eu mesma era grata pelo trabalho. Mas quase todas as palavras do diretor eram sobre espões disfarçados e prisões distantes, de onde ninguém voltava. Tive medo e vontade de morrer ao mesmo tempo, mas pensei em 1934, quando foi declarado nosso exílio: “Isolados mas protegidos”, nas palavras do próprio Molotov. Lembro de ir te visitar na prisão e de ter visto, inadvertidamente, o olhar de um homem que parecia japonês, quando andava pelo corredor. Alguma coisa tinha dado errado, porque eu não deveria tê-lo visto, mas nossos olhares se cruzaram e eu nunca vi um rosto tão assustado: as calças arriadas, a boca entreaberta num grito que não poderia ser dado e o olhar ameaçador do guarda que, percebendo o erro, começou a espancar o condenado. Você delirando, mesmo depois de deixar o quartel, dizendo que finalmente viveríamos livres e os seguranças nos conduzindo de trem até Vorónej. Não podíamos abrir as janelas do vagão e depois, sentados na plataforma à espera do trem seguinte, nem comer nem beber, durante quase sete horas, protegidos pelo guarda com o mesmo nome que o teu. A morte tinha perdido o sentido e, por isso, também o medo; o medo, na verdade, não passa de esperança e vaidade. É um sentimento burguês, como se a pessoa merecesse mais ou tivesse mais direitos pelo seu valor e, como que do nada, me senti imbuída de uma coragem entre ridícula e suicida: podem me condenar, se quiserem. Não fiz nada, mas sei que, em algumas ocasiões, aqui neste país, nada e tudo são a mesma coisa. Acho que não tenho por que me defender. E talvez por isso tenha sido absolvida naquele tribunal escolar. Afinal, também dava muito trabalho condenar uma velha.

Entre um intervalo e outro, vou me introduzindo no tempo e o introduzindo em lugares onde ele não esperava entrar: vilarejos abandonados, mercados de frutas e verduras, casas de costureiras, quartinhos escuros onde dormimos juntos, você e eu, dentro da minha garganta, de onde você me ajuda a dizer coisas como: “O ar é amassado densamente, como a terra —/ Dele é impossível sair, nele é difícil entrar”. O tempo, entrando e saindo das passagens de ar, se condensa, se retrai e depois se expande, formando uma bolha, passando sempre mais devagar à medida que a voz sai da boca. E assim esse tempo às vezes se alegra, sinto seu movimento festivo, diminuindo em alguns segundos o ponteiro do relógio, fazendo com que o pêndulo oscile um pouco mais devagar e eu ganhe mais três minutos do dia para lembrar de um verso.

Tatianna me critica: eu não deveria dedicar minha vida a memorizar poemas que não serão lidos nem impressos e menos ainda publicados, me arriscando por palavras que não fui eu quem criou, ainda mais depois de você ter perdido a vida só por causa de um poema que criticava aquele georgiano filho da mãe. Eu mesma também me critico, Óssia, mas tudo isso é mais forte que minha vontade, é o próprio corpo que quer e que só mantém a saúde, ainda que frágil, à custa de cigarros Belomon e sussurros. Se não digo teus poemas algumas horas antes de dormir, todas as noites, enfraqueço, o cansaço pesa mais e mal consigo dormir as poucas horas que a exaustão me permite. Não faço isso para que você tenha a chance de ser lembrado na posteridade e para que teus poemas não se percam no esquecimento. Faço por mim, para me manter viva, para atenuar o buraco das horas, para que meus músculos tenham vigor na medida exata para acordar no dia seguinte.

Para conversar com Deus, não é preciso pedir nada, mas fazer as perguntas certas. Quem pergunta com exatidão, não pensa em ser atendido, mas em definir bem as suas necessidades, até descobrir que seu desejo era outro, mais miúdo e que ele próprio poderia cumpri-lo. Rezar pode ser a descoberta de que não era necessário rezar, e por isso é preciso continuar rezando. Rezo todos os dias, mas não consigo descobrir a pergunta exata. Repito as mesmas perguntas grandiosas e

irrespondíveis: por que você morreu desse jeito? Vou conseguir lembrar dos teus poemas até eles serem publicados? Ou, simplesmente, digo: por favor, me ajude a suportar mais um dia. Será que minha pergunta miúda é, simplesmente, como faço para determinar com rigor a data da tua morte? Ou como comprar os óculos certos para enxergar a linha na máquina de costura?

Quando finalmente chegar o dia de eu mesma morrer, quero deixar como legado o sussurro, mesmo que teus poemas já tenham sido publicados, que os samizdat ganhem a Europa e a América e você se torne mais conhecido do que os poetas rendidos, do que o imbecil do Górkki, mesmo que ninguém mais precise se lembrar de nada. Quero que Sônia, Vassílissa e Lizotchka aprendam a passar as horas murmurando coisas de que elas gostem, que treinem a memória para se expressar em voz baixa, como se pelo sussurro todas as mulheres da Rússia se comunicassem numa sintonia desconhecida. Nós então formaríamos uma rede clandestina de sussurros, que não salvariam nada, a não ser um pouco a nós mesmas, mas que deteriam o tempo e se enovelariam, fazendo com que ele passasse menos ou mais devagar pelos lugares onde nós falamos.

Já pensou, Óssia, teus livros publicados por toda a Rússia, entrando em cada cubículo, nesses condomínios povoados de vigias disfarçados, todos querendo, disfarçadamente, ler teus poemas proibidos, detestados pelo regime, perseguidos pela polícia? As cozinhas divididas por panos, os zeladores espias, os encanadores mascarados, as vizinhas mentirosas, todo mundo fingindo não querer, mas ocupando espaços minúsculos nos vãos das escadas para ler *Tristia* ou *O fogo errante*. Encapando os livros com propagandas do regime, cada um acreditando que o outro o denunciaria. Isso vai acontecer um dia. Eu sei, porque as pessoas já estão me procurando; jovens de várias partes da Rússia vêm aqui, até minha Bolchaia Tcheremuchinskaia, e eu orgulhosamente lhes mostro meu vaso sanitário, o maior luxo a que tive direito nessa vida e eles me pedem para falar de você, de nós, das nossas histórias que eu achava tão sem graça. Falo tudo. Fico na cama, deitada, fumando e os recebo em pijamas. Eles riem, trazem cerveja, pão, doces e fazemos noitadas, cada



desordenadamente uma transformação oculta, que vai se aninhando despercebida no colo dos inconformados, dos poetas sem palavras, das mulheres sem marido, das mulheres espantadas, dos que não encontraram um lugar mesmo tendo morada, dos que não sabem que horas são mesmo quando têm um relógio, dos funcionários das repartições que se esquecem de bater o ponto, dos cientistas que descobrem uma nova cor na asa de um inseto, dos astronautas que, uma vez no espaço, não têm muita certeza sobre voltar à Terra, das costureiras que se ferem levemente com a agulha, dos homens que carregam seus filhos em panos amarrados às costas, dos jovens que vêm visitar uma velha numa rua de Moscou e que querem ouvir suas histórias ridículas. Nisso tenho alguma confiança, Óssia, mais do que você talvez tivesse, já que a única coisa em que você acreditava era naquilo que estava fazendo no momento e era por isso que conseguia manter uma alegria impossível, mesmo quando tudo anunciava o fim. O punho impiedoso da época. Essa frase tua me agarra e não me solta, estou e estamos presos a isso, mesmo quando não sabemos e só essas vozes baixas espalhadas é que se desprendem, escorrendo como areia por entre os dedos.

Eu não sabia que poderia me tornar tão infantilmente poética e patética, depois de ter aprendido, há tantos anos, a afiar a língua todos os dias, a desconfiar de cada poeta que aparecesse na minha frente, como aquele armênio idiota que fingiu querer discutir poesia, só para a polícia poder chegar em casa e te prender mais facilmente. E, depois, passei a odiar a poesia, porque ela permitiu que escritores se derretessem pelo partido, por uma porta a mais dentro de casa, por uma camisa a mais no guarda-roupa. Desde quando poetas são fracos? As únicas pessoas nas quais me permiti confiar nesses anos foram as que nem sabem que existiu uma revolução, as que desconhecem Lominadze e Iejov e ainda se deram o trabalho de encontrar um balde para nos ajudar. Confio mais em baldes do que em poemas, Óssip, mas releio o que escrevi e me acho poética. Estou contaminada de palavras: “ondas”, “lágrimas”, “vidro”, “terror”, “pedra”, “asas”, “névoa”, “seios”, “gaiolas”. Como não sussurro o que as palavras querem dizer, mas muito mais seu

odeiam e nos temem, porque conhecem o perigo dos mínimos deslocamentos.

Mas comigo mesma, individualmente, não quero mais nada. Gostaria de partir, deitada, fumando um último cigarro, talvez comendo blini ou bebendo um pouco de vodca. Só isso mesmo. Morrer simplesmente, sem oração e sem ninguém para me acompanhar na partida. Se eu tivesse tempo, talvez rezasse: minha santa padroeira das cidades mortas, minha santinha cansada e protetora dos velhos e doentes, me leve com a alma magra e mirrada para o outro lado da vida. Lá onde posso caminhar de novo ao teu lado, Óssip, ou só ficar parada, te olhando se zangar comigo, porque borrei o caderno, porque errei uma palavra. Mas não terei tempo na hora de abandonar o barco, porque será um derrame, um infarto, ou a bênção do sono. Não vou perceber que estou morrendo, porque tudo o que tenho feito nesses últimos anos é acompanhar o caminho da morte, em mim e na Rússia. Por isso, quando ela vier em definitivo, será instantânea, e todas as rezas e pedidos que pudesse fazer, já terão sido feitos e ditos, ou então não, eles nunca terão sido sequer pensados ou pronunciados, mas estarão ali e ela virá munida deles, e se abaterá sobre mim de repente, como uma foice cruel e compassiva, me deixando só suspirar assustada, dizendo um mas.

Só que não posso me dar ao luxo de morrer, nem posso controlar minha vida. Sussurrar teus poemas não é uma missão, nem sou uma espécie de heroína, cumpridora de um sacrifício pago com minha própria vida. Óssip, se for algo que passe mesmo perto disso, se mais tarde, quando teus poemas já estiverem salvos e publicados, alguém nem sequer pensar em mim como essa pessoa, essa que salvou tua vida, ou tua memória, então prefiro desistir de tudo agora. O que a posteridade vai pensar de mim? Se for alguma coisa mais do que nada, não quero. E digo isso sem falsa vaidade nem algum espírito de modéstia cristã. Faço o que faço pelos teus poemas, como uma causa concreta, de papel e palavras. Não é uma causa espiritual ou mesmo política. Uma subversão silenciosa, que de alguma forma foge ao controle do regime, como esses aviões que, voando tão baixo e rápido,

Quantas vezes não quis eu mesma desistir de tudo, quantas vezes não cheguei de fato a desistir, indo embora, fazendo minha trouxa e te abandonando em casa, até doente, porque eu não me achava capaz de suportar tanto desconforto. O que nos manteve vivos, Óssip, além de um corpo que teimava em não morrer? Em mim mesma não vejo nenhuma resistência, nada que me impedisse de largar a vida. Foi você, com uma alegria que só posso chamar de absurda, uma alegria que às vezes considerei nojenta, capaz de se emocionar com uma piada contada por Maksim, aquela do ferroviário que perde o relógio, e achar que por ela vale a pena continuar vivo.

Fomos nos mantendo assim, um dia depois do outro, com temporadas um pouco mais breves e outras mais longas, como quando podíamos esperar um mês para renovar nossos carimbos, em Vorónej, e durante esse tempo você podia conversar sobre um concerto de Beethoven com outro admirador, quando eu podia pintar minimamente sobre uma xícara quebrada de porcelana, ou sobre um tecido qualquer que encontrava no lixo; quando vinham até nos visitar e dividíamos alguns ovos, rabanetes, batatas; quando saíamos para o rio, caminhando e você imaginava que ainda iríamos para a Armênia outra vez, ou que voltaríamos para Kiev, ou então que iríamos para o México, Brasil, Egito. Lembro de poemas teus dessa época e ainda de poemas mais tardios, escritos em 1936, ou até 1937, e não acredito que você estaria morto menos de alguns meses depois de eles terem sido escritos. Você sabia o que te esperava, nos momentos mais agudos da consciência, tinha certeza de que morreria logo mais, mas isso transparecia pouco nos poemas, objetos independentes que te salvaram da loucura e da realidade. “Infeliz aquele, como a sombra de si,/ O latido assusta e o vento entorta,/ E pobre daquele, mais morto que vivo/ Que à sombra pede esmola.”

Tantas vezes acho que tenho pedido esmola à minha sombra, implorado que ela viva no meu lugar, que dê aulas por mim, que se levante e vá, vá você, não quero sair daqui. E tenho pena de mim, de nós, de nossa peregrinação de trinta anos por esse país onde tudo é largo e distante, onde nos foi imposto não poder ficar a menos de cem

por perto e poder observá-lo, branco como uma bola de neve, naquele calor de Moscou.

Nós três sentados no santuário — o nome que dávamos à nossa cozinha — parados, esperando o inevitável, que poderia vir naquele dia ou no dia seguinte, mas que viria, e o ovo junto, como se esperasse conosco, pactuando da nossa angústia. Nessas horas, nunca sei se o melhor é que a desgraça chegue logo ou que demore. Talvez eu prefira que a polícia chegue depressa, diga a que veio, vasculhe, torture e dê seus motivos falsos ou verdadeiros e depois parta, dando um intervalo mais longo para a próxima investida, apesar de nunca sabermos se, daquela vez, Óssip seria levado para sempre ou por alguns dias.

Quem sabe até Anna pudesse ser levada. Mesmo assim, ela ainda vinha à nossa casa. Não era uma forma de masoquismo nem a prova de uma amizade fiel, que arrisca a própria vida para ficar junto de nós. Não. Era só a vontade de estar perto, sem motivo claro. Isso e pronto. O mesmo que faríamos com ela, sem pestanejar, sem pensarmos nas nossas vidas, a coisa menos importante nessa hora. O importante mesmo era que eles não encontrassem o que buscavam: o poema sobre o georgiano imbecil, que, aliás, eles nunca encontrariam, porque Óssip nunca o escreveu em lugar nenhum. Mas pode ser que não encontrar fosse ainda pior, porque nesse caso todo o resto se tornaria suspeito, todos os versos que eles jamais entenderiam seriam indícios de contravenção, todas as metáforas obscuras seriam alusões ao regime e nossa casa se transformaria num foco de perseguição.

O certo era que Óssip tinha sido denunciado, que já tínhamos percebido a presença de espiões por toda a parte, sempre pessimamente disfarçados. Não sei por que eles ainda se preocupavam em se disfarçar, já que distinguíamos um espia só de olhá-lo de relance. Vizinhos que vinham se oferecer para nos ajudar sem motivo nenhum; porteiros que surgiam da noite para o dia e ficavam lendo o jornal com os olhos vidrados em nós; poetas desconhecidos que apareciam em casa, jurando amor a Óssip e que ficavam horas recitando poemas de cor, sem aceitar nenhuma de nossas indiretas para que fossem embora; eletricitas e encanadores que vinham oferecer serviços desnecessários; escritores que